

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS: LÍNGUA**  
**PORTUGUESA/LIBRAS**

**JÉSSICA CARLA GOMES DOS SANTOS**

**EXPERIÊNCIAS DE (DES) AMOR DE PERSONAGENS FEMININAS**  
**EM *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES*, DE CONCEIÇÃO**  
**EVARISTO**

**Amargosa – Bahia**

**2021**

**JÉSSICA CARLA GOMES DOS SANTOS**

**EXPERIÊNCIAS DE (DES) AMOR DE PERSONAGENS FEMININAS  
EM *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES*, DE CONCEIÇÃO  
EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa/Libras, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, como requisito para obtenção do título de licenciada em Letras: Língua Portuguesa/Libras.

**Orientadora:** Prof. Dr<sup>a</sup> Ana Rita Santiago

**Amargosa – Bahia**

**2021**

À Valdirene Gomes, a primeira Iyagbá a me receber no aiyé.

“A saudade que mais dói é do abraço não dado e do eu te amo não dito.” (Baco exu do blues)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, à **Olorum** por me nortear nesse caminho de encruzilhadas, que é a vida, e me proporcionar novas concepções e formas de ser e estar no mundo. Aos meus pais **Valdirene Gomes** (in memoriam) e **Antônio Carlos Pereira dos Santos** por todo apoio, amor, atenção e valores. Agradeço-lhes, mais profundamente, pela construção da mulher que me tornei, reflexo do espelho da minha ancestralidade.

Agradeço as minhas irmãs **Jamilla Gomes dos Santos** (honey b) e **Joyce Maria Gomes dos Santos** (bebê) pelas conversas e gargalhadas, por me mostrarem o que é ser irmã e cultivar os laços sanguíneos e ancestrais entre gargalhadas e lágrimas. Amo vocês!

Agradeço as minhas amigas e irmãs, mulheres fortes e de luta: **Laíla Maíse** (geminiana), **Leila Renata** (problematizadora), **Jucimara de Jesus** (pãozinha) e **Tairine Santana** (Odé Kageran). Agradeço à **Laíla** por me ensinar que ser mãe é ser amiga e companheira e por ter sido minha mãe inúmeras vezes; à **Leila Renata** por me ensinar que ir atrás de nós mesmas é o item de essencialidade na vida e que o encontro no caminho é a maior prova de se estar viva; à **Jucimara de Jesus** por me mostrar que um chão, uma garrafa de vinho e ter a outra para ouvir é um lugar de extrema necessidade para entender as dores e os processos (Obrigada, minha pãozinha); e à **Tairine** (minha Odecy) pela fase que eu entendi o que bell hooks disse sobre “amor interno” e “amor próprio”, ouvindo muito Léo Santana e Pablo Vittar, “pubando” o dia todo (Obrigada, minha mais velha).

Ao meu companheiro, amigo, amor, namorado, pivete, parceiro **Marcos Miranda** (Mc X), por acreditar em mim mais do que eu própria e por exaltar isso todos os dias da nossa vida-lar, por ter o sorriso mais lindo. Obrigada pelo colo e abraço sinceros.

Aos meus amigos, irmãos e pivetes **Josias Andrade** (Neuronego), **Wesley Cainana** e **Vítor Ravel** por estarem presentes sempre que me foi necessário. Aos meus avós, tios, tias, primos e primas, em especial: **José Gomes** e **Maria Santos**; tia **Marlene Nascimento** e **Valdira Gomes** (tia nega), **Rafael Quintela**, **Mércia Nascimento** (prima), **Adenilson Oliveira** (Deni) e **João Victor Nascimento** (irmão).

Ao **profano ateliê e bistrô** pelas ótimas experiências musicais e de diálogos.

Aos bares de **Tia Ana** e o de **dona Dita** por terem se tornado um local de construções dialógicas.

Ao grupo “**CAfUNé**” (cozinha dos afetos para universitárias negras) e a coordenadora Profa. **Maicelma Maia** pelo aquilombamento.

Ao grupo de pesquisa “**LITERÁFRIKA**” e o professor coordenador **Silvio Paradiso** pelas discussões infindáveis sobre literatura africana e pós-colonialismo.

Ao grupo de pesquisa “**Literatura, Linguagens e Diversidades**” por novas concepções de mundo.

À minha orientadora, **Ana Rita Santiago**, intelectual, responsável e cuidadosa na luta do povo negro, por pensar nossas existências e me orientar com tanto afeto.

Aos professores **Carlos Adriano Oliveira** e **Gredson dos Santos** que me fizeram pensar a docência.

Ao grupo de Capoeira Angola e meu mestre **Carlos Danilo** por todo respeito e ensinamentos.

Ao meu zelador espiritual e pai de santo, **Marcos de Obaluaiyê**. Imensamente grata por ter me acolhido em nossa casa (Ilê Àsé Alaketu Oba Oluaiyê) e por todo asê proporcionado. Asê para toda a família.

Ao corpo técnico e terceirizado que trabalham na UFRB, especialmente, a **Belmiro** (Belzinho), senhor **Fafá**, **Renatinha** e **Gil** (copiadora).

A todos os ventos – **orixás**, **erês** e **caboclos** por caminharem junto comigo. A benção, minha mãe de Orí?

À **Bahia**, estado mítico, energizante e único.

A todas as pessoas que se encontraram comigo nessa trajetória, sendo experiências boas, ou não, me fizeram crescer continuamente.

E, finalmente, a todas as **mulheres negras**. **Asè o!**

*(...) Mas as mulheres esquecem tudo que não querem lembrar, e lembram tudo que não querem esquecer. O sonho é a verdade. Portanto elas agem e fazem tudo de acordo com isso (...).*

*Seus olhos viam Deus – Zora Neale Hurston*

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é refletir sobre as experiências de (des) amor das personagens do livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* da escritora Conceição Evaristo. É importante pensar sobre o processo sócio-histórico em tempos de escravização e as consequências desse acontecimento para o povo afrodiaspórico no que tange a afetividade, bem como atentar como o feminismo negro cooperou para essa discussão e reflexão. Se faz necessário trazer à baila o conceito de Escrivência cunhado pela autora que se faz tão presente – a escrita de nós – o conceito permeia não somente a obra, mas a vida real de mulheres negras. Nessa perspectiva, essa pesquisa de abordagem qualitativa se constrói, partindo do viés literário que se espelha na vida real de indivíduos inseridos na sociedade. Assim, esta pesquisa é de cunho bibliográfico, sendo realizada através de livros, artigos, teses e dissertações. Os aportes teóricos que cooperaram para esta escrevivência foram EVARISTO (2011), HOOKS (2000), KILOMBA (2012), PACHECO (2008), AKOTIRENE (2018), CRENSHAW (2002) e outros, que contribuíram com a discussão literária, histórica e conceitual. Desta maneira, considerando a história marcada pela escravização e racismo as experiências de amor são diferentes para o povo negro, que se faz necessária a discussão colocando em um lugar de importância e aprofundamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** ESCRIVÊNCIA. (DES) AMOR. MULHER NEGRA.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>1 CONCEIÇÃO EVARISTO: SUAS (NOSSAS) ESCRIVIVÊNCIAS</b> .....	12
<b>1.1</b> Conceição Evaristo: Viver e escrever como um ato político.....	12
<b>2 O (DES) AMOR EM <i>INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES</i></b> .....	21
<b>2.1</b> Vozes-Mulheres: entre silenciamentos e resistências.....	22
<b>CONSIDERAÇÃO FINAIS</b> .....	43
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	46

## INTRODUÇÃO

*“A bala do racismo, do capitalismo, do sexismo não nos mata.  
Meu sangue quando jorra, molha e nasce muitas de mim.”*  
(DEISE FATUMA).

A escrita literária de autoras negras brasileiras abarca memórias, sonhos, vivências, o amor e a falta das expressões desse sentimento, e não somente um passado histórico-social regado de silenciamentos, provenientes da escravização de povos africanos, que começou no início do século XVI, no Brasil. Em suas poéticas e narrativas, inclusive, há palavras criativas provocativas mediante a continuação desses silenciamentos sociais, sendo permeados pela invisibilidade e perpetuação do racismo, sexismo e pela hegemonia patriarcal e heteronormativa, além da negação do lugar dessas mulheres nos cenários literário, político, histórico e sociocultural.

Ao pensar sobre esses lugares, fazendo recorte de gênero e racial, refletindo sobre as construções de corpos femininos negros e como se constituem e são retratados nas narrativas, este Trabalho de Conclusão de Curso, *Experiências de des (amor) de personagens femininas em Insubmissas lágrimas de mulheres de Conceição Evaristo*, se constrói sob meus questionamentos acerca desse lugar que é tão meu e de muitas, como nós, escrevendo nossas vivências, perpetuando-se nas nossas escrevivências. Este estudo tem o objetivo de analisar a relação das personagens femininas na escrita da autora Conceição Evaristo com o amor ou o não-amor (falta) e como deságuam no feminismo negro, retomando como o processo de resistência dessas vozes estão ligadas diretamente com o amor e, conseqüentemente, com o feminismo negro.

A minha construção acadêmica e a análise do lugar social que ocupo trouxeram à tona questionamentos acerca das construções históricas sobre um determinado grupo, do qual faço parte. Todos os questionamentos se tornaram relevantes para analisar, cientificamente, a construção do amor e a mulher negra, possibilitando-me fazê-lo com a literatura e a sua imitação da vida (mimese). Reconhecer-me, enquanto mulher negra, – anteriormente, ocupando um lugar social de parda/mestiça ou até um não lugar – me fez criar um processo identitário e pensar, criticamente, sobre tal, ao mesmo passo, permitiu-

me enxergar o grupo e as problemáticas que atravessam essas mulheres, sendo esse caminho traçado para a efetivação e escolha deste trabalho de conclusão de curso.

Por outro lado, estar no meio acadêmico e vivenciar as discussões étnico-raciais cooperaram para os questionamentos individuais que se tornam coletivos e que estão presentes na pesquisa e na escolha do livro, *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo.

O conceito de “escrevivência”, forjado por Conceição Evaristo, significa a escrita do nosso cotidiano, das nossas vivências, lembranças e experiências, tendo uma dupla face: escre(vivência), ou seja, um duplo entendimento e percepção desse conceito, escrever e vivenciar, o que leva a autora a escrever por si e por seu povo, marcando o seu lugar social enquanto mulher, negra, escritora e militante, sendo expressiva na luta antirracista e antissexista. “[...] A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007, p.21), assegura C. Evaristo.

Segundo bell hooks, “[...] quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes” (HOOKS, 2000, p. 198), nessa perspectiva de mudar as estruturas sociais, experimentando o amor, as escrevivências da autora Conceição Evaristo nos permitem observar e nos reconhecer na sua escrita contaminada pela condição de mulher negra. Segundo a escritora, nesse lugar, está uma escrita vinculada a partir de uma memória que é individual, mas que também evoca uma memória coletiva, dando poder ao lugar de fala onde se produz esse discurso (EVARISTO, 2007).

Este trabalho monográfico se constrói a partir de lugares e personagens femininas negras tão presentes na escrita de Conceição Evaristo, tendo como foco pesquisador o amor ou a ausência dele e a resistência dessas personas. A ausência do amor ou como ele é retratado em *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) nos levou a entender como essas mulheres são inventadas no tocante ao amor, à solidão, erotização e desumanização, concebendo a ideia de que o amor seria e é a base para o feminismo negro, de acordo com bell hooks (2000), e para a relação mulher negra com o amor e as estruturas sociais.

Os principais conceitos que desfilam, ao longo do trabalho, estão relacionados ao que tange e atravessam as personagens da escrita de Evaristo. Assim, temos bell hooks (2000), sobre a construção do amor para as mulheres negras; Angela Davis (2016), sobre a intersecção entre feminismo, antirracismo e luta de classes, o que se refere também à

questão de gênero; Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013), sobre a solidão da mulher negra e como se entende isso na sociedade.

Este estudo deriva de uma pesquisa que se ateve à abordagem qualitativa, desenvolvendo-se por meio de análise bibliográfica em que se coletaram os dados para a pesquisa, a partir de livros, artigos, entrevistas, dissertações e teses.

Este trabalho monográfico está assim organizado: na primeira seção *Conceição Evaristo suas (Nossas) Escrevivências*, e no subtítulo *Conceição Evaristo: Viver e escrever como um ato político*, tem como foco apresentar a autora, parte fundamental de como esse trabalho se constrói e se desdobra, uma mulher negra, já que este trabalho tem como objetivo mostrar as experiências de des (amor) das personagens de sua obra.

A segunda seção intitulada *O des (amor) em Insubmissas lágrimas de mulheres* e o subtítulo *Vozes mulheres: entre silenciamentos e resistências*, na qual se debruça em aprofundar os contos do livro em questão e fazer análise relacionando os temas de amor, desamor, afetividade e solidão.

## I SEÇÃO

### CONCEIÇÃO EVARISTO: SUAS (NOSSAS) ESCREVIVÊNCIAS

Nesta seção, apresentarei a autora e sua voz demarcada pelo senso coletivo, compartilhando as nossas *escrevivências*, título dessa seção. A autora Conceição Evaristo nos insere em suas escritas que tomam caminhos e encruzilhadas em que nós – mulheres negras – nos encontramos e nos descobrimos.

Apresentar a escritora e a intencionalidade em suas obras é mostrar que, assim como Sojourner Truth, em 1851, nos EUA, que se tornou, posteriormente, umas das principais vozes para dar início ao feminismo negro com seu discurso *E não sou uma mulher?*, estruturalmente, nem todas as mulheres são iguais, como afirma Carla Akotirene (2019), as mulheres negras são atravessadas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe que são assegurados pela manutenção da estrutura racista, capitalista e cisheteropatriarcal, questão tão presente na vida e obra de Evaristo.

Esta seção, portanto, tem como objetivo apresentar a autora, parte fundamental de como este trabalho se constrói e se desdobra com foco na mulher negra e em suas *escrevivências*, através da literatura. Apresentar as obras é mostrar também que as histórias, apesar de serem ficcionais, expõem complexidades do povo negro e de sua realidade, de suas subjetividades e resistência.

#### 1.1 Conceição Evaristo: Viver e escrever como um ato político

Apresentar a autora, enquanto sujeito fundamental da construção deste trabalho monográfico, é essencial e necessário para melhor compreender a relevância da sua produção literária. É sinalizar um lugar de fala e a sua autonomia. E, para além, é afirmar que, para este trabalho, escrever, a partir do lugar de mulheres negras e de sua autodefinição, torna-se um fator básico para o feminismo negro, como afirma Patrícia Hill Collins (2016).

A obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), de Conceição Evaristo, é o interesse deste trabalho. Seu foco argumentativo reside em mostrar a voz da autora, através das vozes ficcionais, que toma forma aqui como estratégia discursiva antissexista e antirracista, logo de resistência.

A escritora Grada Kilomba expõe que as mulheres negras ocupam o entremeio, ou seja, o terceiro espaço e, nesse local, a invisibilidade e a não correspondência dominam.

Nós ocupamos um lugar muito crítico, em teoria. É por causa dessa falta ideológica, argumenta Heidi Safia Mirza (1997) que as mulheres negras habitam um espaço vazio, um espaço que se sobrepõe às margens da “raça” e do gênero, o chamado “terceiro espaço”. Nós habitamos um tipo de vácuo de apagamento e contradição “sustentado pela polarização do mundo em um lado negro e do outro lado, de mulheres”. (MIRZA, 1997: 4). Nós no meio. Este é, é claro, um dilema teórico sério, em que os conceitos de “raça” e gênero se fundem estreitamente em um só. Tais narrativas separativas mantêm a invisibilidade das mulheres negras nos debates acadêmicos e políticos. (KILOMBA, 2012, p. 56)

Apresentar a autora aqui se torna um ato político da marcação de lugar em que essa pesquisa se constrói e se forma (transforma), retirando-a desse “terceiro espaço”, citado por Grada Kilomba, e a colocando no centro, assim como todas as mulheres negras personagens vistas, com mais profundidade, no livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*, da autora em destaque neste estudo.

Maria da Conceição Evaristo de Brito, conhecida como Conceição Evaristo, é uma mulher negra, nascida em Belo Horizonte-MG, sendo de origem periférica, precisou migrar para o Rio de Janeiro para trabalhar e assim seguir os seus estudos. Graduada pela UFRJ, mestre pela PUC-RIO e doutora pela UFF, se tornou uma das grandes escritoras brasileiras na contemporaneidade.

Evaristo é comprometida com a luta antissexista e antirracista, pensando sempre como o seu lugar social – fala –, constrói, em suas narrativas, um eu que se torna coletivo.

Além das perguntas da adolescência, pelas quais todo mundo passa nessa fase da vida, também foi marcante o momento em que percebi as questões raciais. Eu como menina negra. O que havia de estranho nisso tudo, notar a questão racial, a pobreza em que a gente vivia. Naquele momento eu já sabia que queria alguma coisa, só não sabia o quê. Mas uma coisa eu tinha certeza: que aquela vida que eu tinha não podia ser eterna. Eu tinha a certeza que aquela vida não era justa. Eu não sabia se a escrita poderia ser um caminho para mim, mas a escrita já era uma necessidade. Já era um alento e ao mesmo tempo também um local de tormento, um lugar onde eu colocava todas as minhas dúvidas. (EVARISTO, 2017)

A escrita torna-se para o povo negro, como a própria Evaristo nos mostra com a Escrivivência, uma forma de ser e estar no mundo, levantando questionamentos e reconstruindo/(re) escrevendo a história de corpos negros, colocando em questão as suas dores e especificidades.

Evaristo, desde muito nova, percebeu as estruturas sociais e como são moldadas a partir do nosso lugar, problematizando, os lugares atribuídos às populações negras. Logo percebeu o racismo latente e como se é difícil ser escritor (a) e negro (a) no Brasil.

Podemos evidenciar que o processo de colonização e escravização cooperou, inicialmente, e depois, até os dias atuais, para as estruturas sociais e fortaleceram para que a literatura de escritores (as) negros (as) seja acometida por modos de apagamentos. Observar a história é ver o apagamento racial de Machado de Assis e o silenciamento de Lima Barreto e Cruz e Sousa, bem como o desconhecimento e invisibilidades autoral, racial e de gênero de Maria Firmina dos Reis, enquanto a primeira romancista brasileira, que não é lembrada e referenciada, satisfatoriamente, a não ser por um pequeno círculo social.

A agência tem sido um fator fundamental de estratégia de resistência de escritoras (es) negras (os), adquirindo um espaço que, há anos era, majoritariamente, ocupado por homens e mulheres brancas. “A agência é a capacidade de agir de modo autônomo, determinado pela construção da identidade [...] é a capacidade do sujeito pós-colonial reagir contra o poder hierárquico do colonizador”, define Bonnici (2005, p.13). Uma forma de agência foi a oficialização, em 2018, da candidatura de Conceição Evaristo à Academia Brasileira de Letras. Apesar da não eleição à ocupação da cadeira de número 7, foi necessário tal pleito para se perceber e reconhecer alguns lugares antes não ocupados e nem concorridos.

Evaristo é considerada uma autora promissora no cenário literário brasileiro, tendo a escrita como a sua companheira desde muito nova, como ela mesma declara: “Comecei a escrever muito cedo, menina. A escrita pra mim sempre foi um suporte para lidar com o mundo e, ao mesmo tempo, também colocar um questionamento para o mundo” (EVARISTO, 2017). Nesse sentido, a autora compõe uma escrita regada por um eu individual (escrevivência), que se torna coletivo. Mostra, inclusive, que as vivências importam e os lugares ocupados por mulheres negras na sociedade.

A autora tem a sua primeira publicação na antologia dos *Cadernos Negros*, de número 13, em 1990, mas já tinha contato com o grupo Quilombhoje na década anterior. Ela participou dessa antologia por diversos anos. O seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio* (2003), é considerado uma das obras mais expressivas, sendo traduzida para o inglês e publicada nos Estados Unidos, em 2007. Nessa obra, Evaristo tensiona a busca da personagem principal Ponciá Vicêncio pela sua identidade, memória e ancestralidade,

traçando um percurso de menina da zona rural para uma mulher periférica, em sua fase adulta.

O inspirado coração de Ponciá ditava futuros sucessos para a vida da moça. A crença era o único bem que ela havia trazido para enfrentar uma viagem que durou três dias e três noites. Apesar do desconforto, da fome, da broa de fubá que acabara ainda no primeiro dia, do café ralo guardado na garrafinha, dos pedaços de rapadura que apenas lambia, sem ao menos chupar, para que eles durassem até ao final do trajeto, ela trazia a esperança como bilhete de passagem. Haveria, sim, de traçar o seu destino. (EVARISTO, 2003, p. 35)

No excerto acima Ponciá Vicêncio, a personagem principal, sai de sua terra natal situada no interior e vai para a cidade grande, como forma de buscar uma vida melhor para si, sua mãe e irmão, que continuaram na vila, mas também é usada como forma da busca de sua identidade. Ao chegar à cidade grande, a personagem consegue trabalho como empregada doméstica e se casa, mas, com o tempo, Ponciá sente necessidade de se reconectar com a sua ancestralidade e assim mergulha em suas memórias tão presentes no enredo.

*Becos da memória* (2006) é o segundo romance da autora. É constituído por uma coletânea de relatos de moradores de uma favela que passam por um processo de desfavelamento. São narradas as dores das personagens e como se sentem nesse processo de desfavelamento e provável gentrificação. Essa obra foi traduzida e publicada na França.

Sua casa, um barracão caiado de branco, montava sentinela na noite, numa área quase vazia. Maria Nova deitou-se sobre o colchão rasgado, de barriga para cima. As estrelas salientes passavam pelos vãos das poucas telhas. Pela janelinha aberta, a lua pousava em cima do rosto da menina. Maria-Nova teve a impressão de que, se erguesse os braços, tocaria o céu. Dormiu. E foi Vó Rita que veio no seu último sono-sonho ali na favela. (EVARISTO, 2006, p.167)

No trecho citado, é mostrado o apego ao local, mas também as memórias que estão presentes ali, simbolicamente, a dor de sair de seu pertencimento e deixar com ele, de certa forma, as memórias, nesse caso, feitas pelo processo de desfavelamento.

*Olhos d'água* (2014) reúne 15 contos e o seu tema principal perpassa as violências que atingem as mulheres negras na sociedade. Evaristo demonstra todo o seu poder narrativo e o olhar sensível, expondo o racismo, a desigualdade social, a violência doméstica e todas as agressões vividas pelas minorias, em específico, pela mulher negra/preta.

[...] Foi um tempo em que precisou exercitar a paciência com o seu próprio corpo. Trancada em si, ou melhor, aberta para si mesmo, com as mãos espalmadas e leves imaginava lenitivos carinhos. Chorando alisava, bulia, contornava uma cicatriz que ficara desenhada em um ponto da pele, onde os pelos se rarearam para sempre. Era um ponto único, minúsculo, um impertinente calombo. Ali, então alisava a dor e seus contornos. Era preciso convencer se na sua floresta espessa e negra de que o prazer era uma via retornável, de que o gozo ainda era possível. O amor comporta variantes sentimentos? (EVARISTO, 2016, p. 63)

No conto *Luamanda*, contido no livro *Olhos d'água*, são questionadas por Luamanda, a personagem principal, as formas do amor e são mostradas as fases pelas quais ela passa e, nessas fases, como o amor se expõe, Como mulher: criança, adolescente, descobre o amor em outra mulher (bissexual), mãe e avó. Luamanda mostra que ela é aquela que questiona e que está no lugar de desejar e querer as variantes formas de amar/amor, algo que se é retirado das mulheres negras.

*História de leves enganos e parecenças* (2016) é uma obra composta por 12 contos e uma novela, marcada pela imagem da mulher que ouve e conta histórias dos antepassados, passando de geração em geração, exaltando a cultura da oralidade tão presente em grupos étnicos em África, trazidos para o Brasil pela nossa ancestralidade. E, assim, a fantasia/imaginário e a realidade, por vezes, cruéis dessas personagens são narradas.

Um dia, porém, as mansões e seus habitantes foram soterrados pelas espumas que desciam do banhar das pessoas e coisas dos puxadinhos, enquanto esses, deslizando nas próprias espumas, como crianças brincando em terreno escorregadio, caíram direto no mar. Dizem que foi um momento de rara beleza quando as espumas das águas dos puxadinhos se confluíram com as espumas das águas do mar. (EVARISTO, 2017, p. 57 e 58)

Torna-se nítido, nesse excerto do livro *História de leves enganos e parecenças*, que Evaristo brinca com a fantasia, narrando histórias que se tensionam entre o real e o imaginário e brincam com esses dois dúbios.

*Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), composto por 65 poemas, divididos em 6 blocos, traz como tema as recordações de vozes silenciadas. Estão contidos nessa edição alguns dos mais conhecidos poemas da autora *Eu mulher e Vozes-mulheres*, publicados, primeiramente, nos *Cadernos Negros*.

Eu mulher

Uma gota de leite

me escorre entre os seios.  
 Uma mancha de sangue  
 me enfeita entre as pernas  
 Meia palavra mordida  
 me foge da boca.

Vagos desejos insinuam esperanças.  
 Eu-mulher em rios vermelhos  
 inauguro a vida.  
 Em baixa voz  
 violento os tímpanos do mundo.  
 Antevejo.  
 Antecipo.  
 Antes-vivo

Antes – agora – o que há de vir.  
 Eu fêmea-matriz.  
 Eu força-motriz.  
 Eu-mulher  
 abrigo da semente  
 Moto-contínuo  
 do mundo.  
 (EVARISTO, 2017 p.23)

Esse poema, além de já ter sido publicado na antologia dos *Cadernos Negros* e, em seguida, no livro *Poemas da recordação e outros movimentos*, reitera um dos temas muito visitados pela autora: a maternidade e o vínculo do eu-mulher com o gerir a vida. Evaristo coloca a mulher para o centro dessa força que é inaugurar a vida.

*Insubmissas lágrimas de mulheres*, obra publicada em 2011, pela editora Nandyala, é constituída por 13 contos. Todas as personagens principais são mulheres negras. Para a escrita dessa coletânea, Conceição Evaristo entrevistou mulheres e coletou as suas histórias, transformando-as em contos.

Pensar em lágrimas insubmissas, nos remete às lágrimas rebeldes, que derramadas, traçam um processo de resistência. As histórias narradas no livro expõem a persistência de mulheres ao contar sobre as suas vidas para outra mulher negra, se sentirem confortáveis para isso, apesar das dores que as suas narrativas carregam.

O “eu” exposto nas obras de Evaristo se torna coletivo, pois muitas narrativas “dizem” muito sobre um grupo social – mulheres negras –, imersas na estrutura da sociedade marcada por desigualdades de gênero e de raça. No início das histórias, Evaristo narra os seus encontros com aquelas que foram entrevistadas, diluindo o distanciamento entre a ficção e a realidade e certo comprometimento com a verossimilhança.

Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Dá voz outra, faço a minha, as histórias também. E, no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. (EVARISTO, 2011, p. 09)

Evaristo registra as dores, desejos, expectativas das mulheres, como a vida sofrida que tiveram as fizeram agir de alguma forma e criar um lugar social de resistência e estratégias de sobrevivência, reinventando as narrativas escutadas, através das entrevistas.

“Escrevivência” fica explícita na obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, ao demonstrar, na escrita, cotidianos, experiências e vivências. A autora mostra que o “eu” que ela escreve, apesar de parecer tão individual, se torna coletivo, pois se refere às singularidades tão próprias de mulheres negras.

Evaristo demonstra que a sua escrita é tencionada a buscar a narrativa das vivências:

E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência (EVARISTO, 2011, p. 09).

Enquanto mulheres, são permeadas e/ou atravessadas por questões raciais, de gênero e classe, que estão ligadas, diretamente, ao lugar que ocupam na pirâmide social. Pensar em todas as opressões, mostradas em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, sinaliza que não se deve refletir sobre essas violências, de forma separada ou equidistante, haja vista que são processos históricos e sociais que se entrecruzam.

A interseccionalidade é “[...] uma ferramenta teórica e metodológica usada para pensar a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2018). Ao pensar nessa conceitualização, iniciada por Kimberlé Crenshaw, nos Estados Unidos, entende-se que as mulheres negras estejam mais vulneráveis dentro dessa estrutura.

As discriminações racial e de gênero procuram por mulheres na interseção e as compactam e impactam diretamente. Alguns exemplos são óbvios. As violências racial e étnica contra as mulheres são exemplos de discriminação contra grupos específicos. (CRENSHAW, 2002, p.12)

O racismo é focado em grupos específicos, como afirma Crenshaw. Segundo Kilomba (2012), há hierarquia racial entre mulheres brancas e mulheres negras e, por vezes, como

explicitou em *Memórias da plantação* (2012), as mulheres negras não são vistas como mulheres, primeiramente, e sim são vistas pela raça, demonstrando ser da interseção.

Evaristo aborda histórias que ouviu e recontou no livro, utilizando-se de sua licença poética e da escrevivência, para tal ato, mas fica nítido que o eu individual se torna coletivo a partir das opressões que são evidenciadas pela interseccionalidade, discutida por Kimberle Crenshaw (1989), nos EUA e Carla Akotirene (2018), no Brasil, demonstrada pelos temas recorrentes nas histórias, um processo de violência (gênero, racial, classe) em que se criaram modos de resistência.

Foi assim – me contou Shirley Paixão – quando vi caído o corpo ensanguentado daquele que tinha sido meu homem, nenhuma compaixão tive. E se não fosse uma vizinha, eu continuaria o meu insano ato. Queria matá-lo, queria acabar com aquele malacafento, mas ele é tão ruim que não morreu! Não adianta me perguntar se me arrependi. Arrependi não. [...] (EVARISTO, 2011, p.25)

O excerto acima faz parte do conto *Shirley Paixão* do livro, em destaque, neste trabalho. Shirley Paixão conta o que sentiu ao matar o companheiro e estuprador de suas enteadas. Ao narrar que não se arrependeu, Shirley mostra que faria o que precisasse para defender as meninas, que não eram suas filhas, mas, ainda assim, eram corpos frágeis, vítimas de uma atrocidade em sua condição de serem mulheres-meninas.

*Canção para ninar menino grande* (2018) é o último romance publicado da escritora. A obra, apesar do título, assim como outras obras de Evaristo, possui um olhar feminino e narra os amores da personagem Fio Jasmin, construindo, então, o personagem principal do enredo.

Evaristo se consolidou como uma grande escritora premiada, tendo recebido um dos maiores prêmios da literatura brasileira, o prêmio Jabuti de Literatura; a autora recebeu em 2015, vencendo na categoria contos e crônicas com *Olhos d'água*. Em 2016, ganhou, na categoria prosa, o prêmio *Faz diferença*, do jornal *O globo*, juntamente com a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan). Em 2017, foi agraciada com o prêmio Cláudia, uma das maiores premiações femininas da América Latina.

A existência de Conceição Evaristo se perpetua em sua escrita, referenciando muito sobre si e sobre nós (mulheres negras) que criamos estratégias de resistência a partir de nossas vivências – escrevivências –. A sua obra aponta muito a sua urgência e função social. Como afirma Evaristo, a sua escrita é contaminada pela condição de mulher negra.

Essa autoria tem um discurso literário que se distancia do que foi escrito até hoje a nosso respeito. Ela parte de dentro de nossas experiências, somos nós dizendo de nós mesmos, nós como sujeitos de autoria, como sujeitos de temática, criando os nossos próprios enredos. (EVARISTO, 2017)

O lugar de escrita de Conceição Evaristo não se distancia do seu lugar social. A sua trajetória está intimamente ligada a quem ela é e as suas obras. Não há diferenciação, está ligada às escrevivências de um eu coletivo. A autora expõe o amor, o desamor, as dores e resistência de um lugar ocupado numa sociedade e, por conseguinte, na literatura canônica, pautada na predominância do patriarcado branco.

## II SEÇÃO

### O (DES) AMOR EM *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES*

No momento em que escolhemos amar, começamos a nos mover em direção à liberdade, a agir de formas que libertam a nós e aos outros. (HOOKS, 2006, pg. 250), hooks nos diz o quanto o amor é importante para a luta contra a opressão, conhecer nosso amor interior nos emancipa e nos faz conhecer não sob o olhar do outro, mas sob o nosso, o que se mostra mais importante.

Este trabalho não tem a intenção de mostrar o amor romântico branco, elitista e excludente tão obsoleto, com uma visão eurocêntrica, mas sim a descolonização dos afetos. Descolonizar é enfrentar o que colonizou as subjetividades, o que pensou o campo das emoções como algo único para todos os povos, mesmo que a construção de identidade tenha se dado de forma díspar. Por muito tempo a população negra foi vista como não tendo sido feita para afetos, sendo caracterizada como irracional e sexual, estigmas impostos pela colonização e que passa por manutenção no pós-colonização.

A partir da década de 1980 as pesquisas que se debruçaram em analisar os censos que interseccionavam raça e gênero pontuaram dados alarmantes para se pensar a descolonização dos afetos, as mulheres brancas detinham o maior número de relações estáveis, as mulheres negras ganhavam em números quando pontuados o status de solteiras, viúvas e divorciadas, esses temas são caros à comunidade negra, pensando sobre o processo sócio-histórico e afro-diaspórico.

Encontramos, assim, mulheres forras e livres, na sua grande maioria, solitárias, muitas vezes mães solteiras, como eixo central de seus lares e que, por não terem casado, seja por escolha voluntária, seja por dificuldades sociais ou por preterimento do parceiro, não vivenciaram uma condição de acesso social ou de estabilidade amorosa (SOUZA, 2008, p. 42)

Essa instabilidade amorosa pontuada por Souza (2008) pode se dar por diversos caminhos, pensar aqui o desamor é um trajeto para se chegar à descolonização dos afetos, e construí-lo enquanto forma de estratégia. O desamor está contido na violência sofrida por esses corpos, advindas de violências sociais como o racismo e sexismo, e refletir sobre como surgiu esse desamor e o motivo de se manter é importante para a própria produção de amor interior, próprio, familiar e sexo-afetivo.

Permitir-se amar a si e ao (a) outro (a) é como diz hooks (2006) descolonizar um plano e erradicar o auto-ódio negro, é mudar as estruturas pensando nas intersecções pois como diz Akotirene (2021) é cruel disputarmos opressões.

Vozes-Mulheres expõe a voz da ancestralidade feminina que ecoa e atravessa esses corpos, esta pesquisa não é nada além do ecoar dessas vozes, sons de silenciamentos e resistências.

(...) A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora,  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida-liberdade. (EVARISTO, 2017 p. 24)

Nossas vidas, vozes, pesquisas e escrevivências são ecos de liberdade, como disse Nina Simone no documentário “What Happened, Miss Simone?” (2015): liberdade é não ter medo, e quando essas pessoas que foram por muito tempo limitadas ao não amor, sendo próprio, interior, sexo-afetivo ou familiar, amar se torna aqui revolucionário, dizimar o auto-ódio negro pensando na ancestralidade é um ato de amor, não o romantizado branco que nunca teve em seu caminho a pedra da escravização, a separação de seus entes queridos e a morte em vida.

## 2.1 Vozes-Mulheres: entre silenciamentos e resistências

*Quem disse que o amor é só dor? (EVARISTO, 2008, pg. 62)*

O livro escolhido, para que este trabalho monográfico se construa, é *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo. A obra publicada, em 2011, pela editora Nandyala, é composta por 13 contos, todos eles intitulados com os nomes das protagonistas que são mulheres negras.

As vozes-mulheres, como já afirmara Evaristo, ganha força, nessa obra, visto que a autora ouve histórias reais e as transfere para o papel, expondo os relatos das personagens regados de silenciamentos e desamores, porém estar, nesses lugares,

fizeram-nas construir uma condição de resistência, mostrando o que Angela Davis (2017) declara: quando a mulher negra se movimenta, toda a sociedade se movimenta com ela.

[...] estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con) fundem com as minhas. Invento? Sim, invento, sem o menor pudor. Então, as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. (EVARISTO, 2011, p.09)

Evaristo, ao declarar que as histórias contadas se (con) fundem com as delas, só reafirma que mulheres negras, que estão à frente de algum movimento, como mães de santo (yalorixás), curandeiras, rezadeiras, militantes, teóricas, dentre outras, pensam partindo do coletivo. Historicamente, as mulheres negras escravizadas e após, construindo a consciência coletiva, se sabe que esses indivíduos foram construídos para cuidar do outro/da outra, numa lógica racista e escravagista. A mulher necessitava cuidar de todos os outros corpos que se encontravam naquela sociedade, seja do homem branco, seja da mulher branca, de crianças brancas e, por último, de suas crianças negras e homens negros.

As histórias se confundem com as dela, porque as especificidades das mulheres negras abarcam esse coletivo e, a partir disso, desse lugar que também é dela, Evaristo utiliza-se da licença poética e mimese para imitar/representar a realidade que, aqui, se torna particular e coletiva, como já citado, pensando e tensionando agora as dores, alegrias, expectativas e realidades de seu grupo social.

O primeiro conto, que integra o livro, é intitulado por *Aramides Florença*. A personagem ou, aqui, a vivenciadora real da história de mesmo nome do conto se torna mãe solo. Com o casamento, antes da gestação e até metade da mesma, ela era feliz. Decerto, ela se tornara ainda mais desejada após a notícia calorosa da chegada do descendente, porém Aramides não esperava pela mudança do companheiro com a chegada do filho. O ciúme dele se tornou um ataque para a futura mãe, evoluindo para estupro e, posteriormente, para o abandono paternal.

[...] Pelo espelho, viu o seu homem se aproximar cautelosamente. Adivinhou o abraço que dele receberia por trás. Fechou os olhos e gozou antecipadamente o carinho das mãos do companheiro em sua barriga. Só que, nesse instante, gritou de dor. Ele, que pouco fumava, e principalmente se estivesse na presença dela, acabara de abraçá-la com o cigarro aceso entre os dedos. Foi um gesto tão rápido e tão violento que o cigarro foi macerado e apagado no ventre de Aramides. Um ligeiro odor de carne queimada invadiu o ar. Por um ínfimo

momento, ela teve a sensação de que o gesto dele tinha sido voluntário. (EVARISTO, 2011, p.15)

Aramides Florença se tornou mãe solo após a violência sofrida por ela pelo seu marido durante a gravidez de seu primogênito. As diversas violências física e psicológica avançaram para um estupro e delas desencadearam marcas profundas. Elas se intensificaram após o marido de Aramides não aceitar a gravidez e se tornar possessivo perante aquele corpo que agora Aramides Florença dividia com seu filho

*Natalina Soledad*, registrada ao nascer como Troçoieia Malvina Silveira, veio ao mundo após seis irmãos, todos homens, para orgulho de seu pai que desprezava a menina e culpabilizava a mãe pela traição de seu útero de ter lhe dado uma menina, como filha. A menina, que aprendera todas as andanças da vida de ser uma menina-mulher, de forma autodidata, lidando com o desprezo do pai e a raiva da mãe, não se apegando aos amores passageiros, tinha um único desejo – renomear - se.

Silveirinha, já adulta, depois de alguns pouquíssimos amores, aliás, nem amores eram, e sim raríssimos encontros, sem graça alguma, com homens de belos nomes, desistiu também do amor a dois. Dos amores múltiplos de família, ela não experimentava lembrança alguma. Pouco se importava. Só o único desejo a perseguia: o de se rebatizar, o de se autoneamar. Em suas leituras, das mais diversas, entendia que o direito que ela havia desejado desde criança, na prática, existia (EVARISTO, 2011, p. 24)

Natalina Soledad foi obrigada a desistir de amores românticos, uma vez que, há muito tempo, já havia desistido do amor familiar. hooks explica que a construção do amor para o povo negro foi e é diferente, pois os escravizados foram obrigados a deixar o amor de lado para traçar formas de sobrevivência, o que reflete no coletivo do povo negro, no que tange as emoções. Soledad, ao deixar o amor de lado para se concentrar em suas dores, traçou para si uma forma de resistência. Para ela, não há possibilidade de uma construção de amor que possa ajudar a curar.

bell hooks, em *vivendo de amor* (2000, p. 198), afirma: “Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura”. A afetividade, que constrói a mulher negra, (trans) forma-se na diferença da construção do amor branco. Esse amor é idealizado e imaginado a partir das vivências ancestrais e em como se é/foi criado no seio familiar.

*Shirley Paixão*, narradora de outro conto do livro, nos atravessa com a sua narrativa ferrenha e dilaceradora ao descobrir em seu companheiro um estupro. Shirley

Paixão passou três anos na cadeia após golpear e salvar a sua enteada mais velha – Seni – das garras de seu pai-estuprador. Após ser libertada, ela continuou a proteger as suas filhas e a cultivar a irmandade feminina que tanto zelou, encorajou e se tornou matriarca.

Por ela e pelas outras eu morreria ou mataria se preciso fosse. E necessário foi o gesto extremado meu de quase matá-lo. Foi com uma precisão quase mortal que golpeei a cabeça do infame. Ao relembrar o acontecido, sinto o mesmo ódio. Repito que não me arrependi. Se há um arrependimento, foi de ter confiado naquele homem, que contaminou de dores a vida de minhas meninas. (EVARISTO, 2011, p.28)

“Olorum, quem mandou essa filha de Oxum, tomar conta da gente e de tudo o que há?” (CAYMMI, 1972), esse trecho de uma música, interpretada por Maria Bethânia expressa como as mães negras são cuidadoras não apenas de seus/suas filhos (as), mas também são as mães das crianças da comunidade, da qual fazem parte, principalmente, se vivenciamos e experienciamos o cotidiano em terreiros de candomblé ou em lugares periféricos, com forte influência da ancestralidade africana. Shirley Paixão tomou para si a responsabilidade e maternidade não apenas daquelas que nasceram de seu ventre, mas daquelas que, no convívio, tornaram-se suas filhas, mostrando a força que uma iyá (mãe) possui.

*Adelha Santana Limoeiro* abre a sua vida para nos contar sobre a sua velhice, parecida com Nanã (declara Evaristo). A senhora narra sobre o seu casamento. O seu marido, que buscava a virilidade perdida em corpos mais jovens, fez com que Adelha aceitasse, apoiasse e recebesse a culpa pela limitação do corpo do outro.

[...] Me doe, mas fiz o que acreditei ser preciso fazer. Eu mesma aconselhei ao meu velho que fosse em frente. Que buscasse rejuvenescer o que lhe era tão caro. E, fingidamente, inventei estar em mim uma limitação que não era e nem é minha. Quem sabe, não estaria no meu corpo a causa de sua anunciada morte? – Quem sabe não viria de mim a causa de um desejo tão amolecido dele? – perguntei, ou melhor, quase afirmei pra ele. (EVARISTO, 2011, p. 36)

Adelha Limoeiro expõe o que acontece com muitas de nós, mulheres que, em anos passados, ao lado de um homem a faz tomar para si uma culpa que deveras não é sua. Socialmente, a mulher é tida como a que cuida de seu marido não apenas nos afazeres domésticos, mas também se submete aos seus desejos mesmo que isso a violenta de alguma forma. Assim, Adelha viveu ao lado de seu companheiro, aceitando as suas traições, até morando com as jovens. E ele atribui a sua decisão à sabedoria de sua velhice.

bell hooks em *Vivendo de amor* (2000) diz: Para conhecermos o amor, primeiro precisamos aprender a responder as nossas necessidades emocionais. Isso pode significar um novo aprendizado, pois fomos condicionadas a achar que essas necessidades não eram importantes. E assim, Adelha Limoeiro se mostra, deixando de lado suas necessidades emocionais e colocando de outrem acima das suas achando que assim será feliz ou altruísta, pois as suas não estão nesse lugar de importância.

### **Mulher**

ela queria ser uma lâmina  
de grama entre os campos  
mas ele não concordaria  
em ser um dente-de-leão

ela queria ser uma ave cantante  
no meio das folhas  
mas ele se recusou a ser  
sua árvore

ela se lançou numa teia  
e procurando por um lugar pra repousar  
foi até ele  
mas ele permaneceu duro  
recusou ser seu canto

ela tentou ser um livro  
mas ele nunca a leria

ela se transformou num bulbo  
mas ele não a deixaria crescer

ela decidiu se tornar  
uma mulher  
e embora ele ainda se recusasse  
a ser um homem  
ela decidiu que estava tudo  
certo. (GIOVANNI, 1978, p. 275)

Nikki Giovanni em seu poema *Mulher* relata a história daquela que está em uma relação, mas não consegue no outro abrigo, assim como Adelha não encontrava em seu companheiro, e apesar de todas as questões, empecilhos e prisões relatadas no poema foi também assim na vida de Limoeiro, ela se tornou uma mulher e tudo bem ele se recusar a ser um homem, seu homem.

*Maria do Rosário Imaculada dos Santos*, em outro conto, faz uma denúncia ao relatar o seu sequestro e o cárcere privado que vivera por um casal (branco), que chegou a sua cidade natal, vindos do sul do país. Maria narra os seus sentimentos e o que a sua vida se tornou, após esse fatídico dia, reencontrando a sua irmã em um evento para crianças perdidas e fugitivas, após 35 anos de seu desaparecimento.

[...] Depois de muito tempo, noite adentro, eles pararam o jipe, puxaram violentamente o meu irmão, deixando o pobrezinho no meio da estrada aos gritos e continuaram a viagem comigo, me levando adiante. Nos primeiros dias, eu, na minha inocência, divagava entre o temor e a confiança. Nunca tinha escutado sobre casos de roubo de criança. Em casa, não tínhamos medos de perigos reais e sim de imaginários. Mula sem cabeça, lobisomem, almas do outro mundo... Cobras e bichos os grandes matavam. (EVARISTO, 2011, p.40)

Pensar no sequestro e cárcere privado de Maria do Rosário é análogo com o sequestro e cárcere privado vivido por milhares de africanos e, posteriormente, afro-brasileiros, que perderam a sua identidade, assim como ela que era apenas chamada de “menina”, arrancados e arrancadas de seu território para suprir necessidades coloniais de brancos e brancas. O corpo de Maria foi levado e transplantado para outros lugares como se não fosse dona de si, como se fosse posse de quem a tomasse primeiro, resistindo, através do tempo, até ser “liberta”, sem ter respostas sobre o motivo pelo qual a levou para essa vida.

Evaristo evoca tantas histórias que se confundem com a vivida por milhares de brasileiros e brasileiras, minha tia Marlene Nascimento quando criança foi levada por uma mulher (branca) que a criava como empregada, ou melhor, a criava sob o disfarce de empregada, mas na verdade era trabalho escravo e infantil já que a menina muito nova tirada do seio familiar não recebia pelas atividades feitas na casa. Assim, como Maria, essa história se funde a de tia Marlene que reencontrou nossa família já adulta.

Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura (hooks, 2000, p. 198), conhecendo o amor de sua família e voltando para essa relação, quando se é possível, pois muitas não conseguem reencontrar sua família a tanto tempo perdida, é possível tentar transformar o presente e sonhar o futuro como hooks aponta. Usando o amor como estratégia de sobrevivência partindo de um movimento contrário a outras estratégias usadas por nosso povo como o não sentir ou não expressar como forma de resistência, se é possível ressignificar.

*Mary Benedita*, outra narradora do livro, pediu para contar a sua história e, prontamente, foi atendida por ouvidos ansiosos por conhecer caminhos e andanças. Deleitou-se ao contar a transformação de sua vida de menina do interior para aquela que sempre quis ser, tornou-se pintora e fluente em diversos idiomas. A sua arte, razão de viver, é, para além, ela mesma, uma vez que utiliza de seu próprio corpo-sangue para compô-lo.

Entretanto, há uma pintura que nasce de mim inteira, a tintura também. Pinto e tinjo com o meu próprio corpo. Um prazer tátil imenso. Uso os dedos e o corpo, abduco do pincel. Tinjo em sangue. Navalho-me. Valho-me como matéria-prima. Tinta do meu rosto, das minhas mãos e do meu íntimo sangue. Do mais íntimo sangue, o menstrual. Colho de mim. Bordo com o meu sangue-útero a tela. (EVARISTO, 2011, p. 68)

A arte faz *Mary Benedita* se sentir parte do mundo, ao utilizar de seu corpo como matéria prima para preencher a tela de si. Assim, ela reafirma o seu corpo, existência e ser, marcando, não apenas o seu corpo-casa com cortes que trarão sangue à superfície para utilizá-lo em sua arte-vida, mas estará territorializando o seu corpo em lar.

*Mirtes Aparecida Daluz*, cega de nascença, ao contar a sua história, pede para aquela que cedeu seu ouvido-corpo para que feche os seus, experimentando os outros sentidos para receber o que está por vir. Daluz, ao engravidar, acontecimento esperado por ela e pelo seu companheiro, não saberia que, no exato momento do nascimento de sua filha, o seu marido estaria tirando a sua vida em sua casa, na cozinha, inalando o gás, talvez por medo da nova vida que seguiria com a sua descendência, por medo de sua filha nascer com os mesmos olhos da mãe. Daluz nunca saberá, pois aquele, que dividia sua vida-lar, se fora, sem despedida.

[...] Durante os nove meses, desde o momento em que nos percebemos grávidos, ainda no primeiro mês, meu companheiro, talvez desenhasse, na amedrontada imaginação dele, uma criança que poderíamos ter. Aparentemente tranquilo, entretanto era visível a interrogação dele. Como seria a nossa criança? O que ela herdaria da mãe? Nas carícias em minha barriga, na arrumação do quarto para o nosso bebê, era possível apreender seus gestos trêmulos e seu ar temeroso. (EVARISTO, 2011, p.71)

Daluz apresenta como foco problematizador as questões da maternidade, que, por muito tempo, não teve grande visibilidade durante o início dos pensamentos feministas. Hoje há discussões que mobilizam essas mulheres para o centro, não pensando em uma maternidade romantizada nos moldes patriarcais, nem como condição subalternizante dessas mulheres. *Mirtes Aparecida Daluz* sofreu com o abandono paternal duplamente.

O medo do marido o levou ao suicídio, deixando a recém mãe sozinha para criar, educar e amar a criança ao mesmo tempo em que se tornou viúva.

A maternidade negra construída em contraposição à maternidade branca socialmente gerou no pensamento coletivo que as matriarcas negras são mais fortes, aguentam mais as dores da vida emocionalmente e fisicamente.

Grada Kilomba em *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano* diz:

Na década de 1960, o movimento feminista *negro* investiu em imagens da “mulher *negra* poderosa” e da “matriarca *negra* superforte”. Essas imagens surgiram em resposta às representações racistas da mulher *negra* como preguiçosa, submissa e negligente em relação a suas crianças (Collins, 2000; hooks, 1992; Reynolds, 1997). Forte e trabalhadora, em vez de preguiçosa, assertiva e independente, em vez de submissa, dedicada em vez de negligente. Tais imagens políticas foram uma forma de reivindicar uma nova identidade. Isso é particularmente visível na literatura e nas filosofias *negras*, argumenta Patrícia Hill Collins (2000), campos nos quais a mulher *negra* e a imagem da matriarca *negra* têm sido glorificadas, de forma tendenciosa, especialmente por homens *negros* – em homenagem a suas mães, mas, infelizmente, não a suas esposas. (KILOMBA, 2019, p. 192/193)

A problemática abordada por Kilomba sobre a maternidade negra e como a visão da mulher negra superforte foi constituída nos leva para a história de Mirtes Aparecida Daluz, mulher negra e cega que precisou ser forte a vida toda e após o suicídio do marido agora com o filho recém chegado ao mundo será vista como aquela que precisa ser mais forte ainda para amparar e cuidar daquele que agora depende apenas dela.

*Líbia Moirã*, mais uma narradora do livro, estava interessada em saber os motivos que levavam Evaristo a coletar histórias se poderia inventá-las, mas logo começou a contar-lhe um sonho que viraria peça fundamental em sua vida. O sonho não a deixava dormir e motivou algumas tentativas de suicídio. Ela acordava todas as noites aos berros e o sonho também a privou de diversas vivências.

Moirã descobriu, posteriormente, que esse pesadelo, na verdade, eram lembranças de quando era apenas um bebê e presenciou o nascimento do seu irmão caçula, entendendo que a vida se encarregou de não a deixar morrer em tentativas vãs de suicídio. Ainda assim, a morte a acompanhava desde sempre.

[...] Uma volta no tempo me permitia significar um sofrimento que eu vinha carregando a vida inteira. Eu tinha visto o meu irmãozinho nascer. Pequena, de pé, agarrada ao berço, no qual eu dormia no quarto de meus pais, assisti a todo o trabalho de parto de minha mãe. O neném estava nascendo antes do tempo. Os grandes, devido à gravidade do momento, se esqueceram de minha presença. Minha mãe sangrava e gritava. Eu, abandonada por todos no berço perdida em algum lugar indefinido, sozinha e vendo alguma coisa grande,

muito grande, querendo sair de um buraco muito pequeno. (EVARISTO, 2011, p. 79 - 80)

Evaristo, nessa história, traz à tona a memória familiar e divaga sobre elas junto com Líbia. Ela não sabia que o seu tormento, a vida toda, estava ligado a dor sentida por uma mulher no parto, portanto ligada ao se tornar mãe, entendendo que a única experiência, advinda desse ato, é o sofrimento.

Líbia nos faz pensar na maternidade sob outro olhar, ela que não gerou uma vida literalmente, mas mostrou que a vivência materna pode ser uma experiência compartilhada, porém no caso da personagem principal do conto se tornou um pesadelo.

A mulher negra carrega inúmeros estereótipos, e apesar dessas mulheres enquanto inseridas em uma comunidade se tornam mães não apenas de seus filhos e filhas, mas de todas aquelas outras crianças que ali residem se torna assim algo ancestral - Iyaba símbolo importante de gerir a vida, enquanto o estereótipo da mãe preta colonial que abdica de seu filho (a) negro (a) para cuidar de outro branco foi imposto pela escravização, imperialismo e colonialismo. A personagem Líbia abdicou de tornar-se mãe devido ao seu trauma ao ver o ato de trazer uma vida a terra, que só conseguiu entender, de fato o porquê de seu trauma que se fazia visível em forma de pesadelo levando-a não querer ser mãe, quando passaram - se os anos e a personagem começa a nutrir a vontade de gerar ao ver seu irmão caçula completar anos.

*Lia Gabriel*, mais uma narradora, sofria com a agressividade do marido que não hesitava ao agredir a esposa de diversas formas. Em um episódio, o filho mais novo, Máximo Gabriel, participou, estando no colo da mãe, situação que alterou para sempre a vida do menino que desenvolveu esquizofrenia.

[...] Era preciso pensar nas crianças. Sim, eu ia fazer isto. Ia conversar com ele. Sabia que não seria fácil, mas o ódio que eu estava sentindo me fortalecia. Não foi preciso, porém. Covardemente, ele não esperou o meu retorno.

E, quando acabei de relatar esse episódio para a Dr<sup>a</sup> Celeste Rosa, ela me revelou que a nossa conversa tinha sido fundamental para o encaminhamento do tratamento do meu filho. Ela escutara Máximo Gabriel, em um dia de suas crises, entre socos e pontapés contra o monstro que o perseguia, dizer que queria matar o pai. (EVARISTO, 2011, p. 87 e 88)

A agressividade do marido de Lia Gabriel atingiu o nível patológico de seu filho que, em crises, grita que quer matar o pai, mostrando que, apesar de ser muito novo quando o pai atentava sobre a mãe, na memória, o trauma permaneceu.

Lia Gabriel, mais uma narradora vítima de violência doméstica, expõe como as violências de gênero estão relacionadas a outras formas de violências, esse homem negro não é o grande vilão, é o instrumento, o racismo, sexismo e violências relacionadas e geradas nesses corpos são os vilões. Essa violência ultrapassa gerações e recai drasticamente sob os corpos de mulheres negras que são vistas como objetos e ocupam o entremeio, como afirma Kilomba (2012).

O impacto do colonialismo à natureza fez milhares de pretos serem atirados ao Oceano e lançou a dicotomia entre natureza e humanidade do padrão capitalista global. As feminilidades e masculinidades construídas pelo cisheteropatriarcado e racismo, juntos, saíram dessa experiência; no Atlântico, africanas choraram feminilidades e africanos seguraram o choro das masculinidades. (AKOTIRENE, 2018, pg, 26)

Essas masculinidades construídas a partir dessas violências pós coloniais ecoam na modernidade, afinal nada na história acontece de forma que não reflitam em outros corpos ou em outros momentos da história. Lia quando sofre violência doméstica do pai de seus filhos não apenas está sendo violentada por esse homem, mas por todo um sistema social. Lia percebeu que as agressões de gênero sofrida influenciou para que seu filho desenvolvesse uma patologia, mostrando mais uma vez que as violências se interseccionam e formam cadeias.

*Rose Dusreis*, também narradora, estudou e se tornou professora de dança. Vítima do racismo e todos os empecilhos, ela foi levada para morar com as irmãs da congregação “Amadas do calvário de Jesus”, podendo estudar com meninas abastadas, mas longe do seio familiar e assim se entregou ao que Evaristo chamou de “balé da vida”.

[...] Confiantemente, eu dava os primeiros passos de exibição para uma plateia. Um dia, a própria professora Atília Bessa veio assistir aos ensaios, que estavam sob o encargo de outra professora, e elogiou o meu desempenho, dizendo que eu tinha muito jeito para dança. Esperançosa, aguardei que ela me convidasse para ser sua aluna do balé. Aguardei não só o convite dela, mas a oportunidade de ser a bonequinha negra. E ainda esperei, também, alguma explicação sobre as razões da troca por outra menina. Aguardei o porquê da minha substituição, já na semana da festa, quando uma menina branca, pintada de preto, no meu lugar, fingiu ser a bonequinha negra que eu era. (EVARISTO, 2011, p. 93)

Dusreis se utiliza da dança, que faz parte de si como forma de ser e fazer parte de sua escrevivência, o que a leva a existir no mundo. As pessoas que Rose encontrou, em seu caminho, percebiam o quão era talentosa, mas como declarou Cruz e Sousa (1898), o racismo a emparedava. No excerto acima, percebemos que a professora permitiu que uma

menina branca fizesse *blackface*, mesmo que esse lugar identitário seja de Rose Dusreis e tenha o talento e a dedicação para a apresentação.

Grada Kilomba (2019, p. 28 apud hooks, 1989, p.42) expõe que o sujeito pode ser determinado como aquele que “têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias”, sendo assim, Dusreis ao transformar a dança em sua vida, e mostrar com as expressões de seu corpo e sua história torna-se sujeito, não mais o outro do Outro, a dança não é apenas arte, torna-se aqui, um ato político.

*Saura Amarantino* conta histórias sobre as suas gestações. A primeira, repentina, aos 16 anos de seu namoradinho de adolescência, pegou-a de surpresa, mas o amor, que nutriu pela filha, já estava entranhado em seu corpo. A segunda gravidez, proveniente de seu casamento, a fez esperar ansiosa pelo menino que fazia morada em seu corpo. Após se tornar viúva, em uma dessas noites de amor com um amigo de infância, a caçula foi gerada, porém indesejada. Saura a rejeitou ao nascer, nunca teve contato com a menina, além de seus primeiros três meses de vida.

[...] Minha mãe ainda chora por isso, quase vinte anos depois. Ela vive dizendo que esperava que eu fosse capaz de repetir, com meus filhos, o mesmo amor que ela me deu e me dá. Eu corrijo a fala dela. Eu amo os meus filhos, Adália e Maurino. Esses são os meus filhos e estarão sempre aconchegados dentro de mim, mesmo que eles não queiram. Já me perguntaram se eu não tenho remorso em relação a essa criança que eu desprezei. Não. Não tenho. (EVARISTO, 2011, p.104)

Saura carregará, após a rejeição da filha mais nova, o estigma de mãe desnaturada. Aquela que abandonou o ser gerado em seu ventre, quebrando o paradigma da maternidade que toda mãe ama seu filho/sua filha, mas Saura, ao rejeitar sua filha, viu nela a sua traição, ao se relacionar com outra pessoa após a morte de seu marido, enxerga também a cor branca do pai.

*Regina Anastácia* é retratada por Evaristo como uma rainha com mais de 90 anos. Regina vivia na cidade de Rios Fundos, em uma época em que o local era administrado pela família mais rica. Os D’Antanhos eram donos do comércio e possuíam trabalhadores em suas casas. Algumas dessas eram as tias de Regina Anastácia que trabalhavam na cozinha. Assim, em um dia antes do sol se pôr, ela conheceu o filho dos donos D’Antanhos que, anos depois, se tornou o seu marido, contrariando a família e abdicando de sua herança, construindo uma vida ao lado da mulher que denominava a sua rainha.

[...] Jorge foi espremido contra a parede, que parasse logo com a história de namoro, que fizesse comigo o que quisesse, que montasse para mim uma casa, mas que não espalhasse essa ideia de namoro, de compromisso. Eu não era moça para tais propósitos. Ele, entretanto, sabia o que queria e eu também. A desobediência causou a expulsão do nome dele do testamento. Nada de farmácia, nada de nada. Casamos uns poucos meses depois. (EVARISTO, 2011, p. 115)

A história de Regina Anastácia se confunde com muitas outras histórias de avós e avôs, inclusive dos meus. Anastácia lembra a minha avó Maria Santos que, ao se apaixonar por um homem branco, sofreu o racismo dos meus bisavós, seus sogros, que não aceitavam em sua família, uma mulher negra de pele retinta, descendente de africanos e povos nativos, a qual precisou fugir para viver essa relação.

A família de Jorge não aceitava que tivesse um relacionamento com uma mulher negra, dado os moldes da família colonial rica, donas de tudo, e do pensamento também de todos aqueles corpos pretos, apesar daqueles que ali moravam e trabalhavam serem livres. Fanon (2008) diz que o amor proveniente de uma relação entre um homem branco e uma mulher de cor só será possível quando o sentimento de inferioridade não mais existir, e assim Regina tenta a relação com o homem branco sofrendo racismo de sua família e nunca tendo uma relação com aqueles que trouxeram seu marido ao mundo.

Isaltina Campo Belo, desde pequena, sentia que o seu corpo – aquele que não escolheu não a pertencia. Questionava se as pessoas não percebiam o grande equívoco ao chamá-la de menina. Quando a sua irmã verteu sangue a primeira vez, foi obrigada a participar dos mistérios que rodeiam o mundo feminino e passou os seus dias até a fase adulta entre performar a feminilidade e se questionar e esconder o menino que existia em si e mascarar a sua sexualidade.

Na vida adulta, Isaltina parte para outra cidade para trabalhar, fugindo também de seu passado de não lugar e não reconhecimento. Na faculdade, ela conhece um rapaz que demonstrou interesse pela moça que escondia um menino em seu corpo, mas muito educado aceitou a escassa ou nula vontade de Campo Belo de se relacionar afetivamente. Tornaram-se um casal de amigos. Um dia, querendo mais que amizade, ela então revelou:

Falei do menino que eu carregava em mim desde sempre. Ele, sorrindo, dizia não acreditar e apostava que a razão de tudo deveria ser algum medo que eu trazia escondido no inconsciente. Afirmava que eu deveria gostar muito e muito de homem, apenas não sabia. (EVARISTO, 2011, p.55)

O pretensioso namorado (nomeado apenas assim e não pelo seu nome de batismo ou pelo nome inventado pela escritora) conquistou Isaltina e a sua confiança com o intuito de desfrutar daquele corpo e, de certa forma, de sua inocência, desumanizando as questões que aquela mulher negra trazia consigo.

“E afirmava, com veemência, que tinha certeza de meu fogo, pois, afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra...” (EVARISTO, 2011, p.55). A sexualização desse corpo fica evidente. Isaltina Campo Belo tinha que ter, aos olhos daquele homem, desejo sexual, trazendo o pensamento colonial que, até hoje, é presente na sociedade de animalizar e desumanizar esse corpo negro que apenas possui desejos primitivos, ou seja, não possui subjetividades e é pretense aos desejos carnis.

As categorias de raça, gênero e geração e, com menor peso, a de classe, foram interpretadas na sexualização/ erotização dos corpos de meninas negras e pobres estigmatizadas em lugares públicos devido à sua “condição” racial e sexual. Esse imaginário social e coletivo, não permitiu às informantes, apesar das várias estratégias para burlarem a falta de parceiros fixos, que transcendessem as barreiras da raça (e seu colorário, o racismo) por meio de estigmas inscritos nos corpos negros femininos: da “prostituta”, da “negra que quer se dá bem com o gringo”, da sexualização, do “corpão”, do “bundão”. (PACHECO, 2008, p. 298)

A pesquisadora Ana Cláudia Pacheco (2008), em sua dissertação, *Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar: Escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia*, expõe a construção de corpos negros por estereótipos. A mulher negra é aquela que é movida pelo desejo sexual, da “cor do pecado”. Aquela que possui um corpo voluptuoso e se tornam perceptíveis no conto de Isaltina Campo Belo essa demarcação e objetificação.

Ao continuar relatando a sua história, Campo Belo conta algo que nunca havia mencionado a outro alguém. O seu amigo, que almejava ser o seu namorado, a convidara para uma festa de aniversário e, ao chegar ao local, o que a esperava era uma devasta mudança em sua vida “Ele e mais cinco homens, todos desconhecidos. Não bebo. Um guaraná me foi oferecido. Aceitei. Bastou. Cinco homens deflorando a inexperiência e a solidão de meu corpo. Diziam, entre eles, que estavam me ensinando a ser mulher” (EVARISTO, 2011, p. 56). Tal violência contra esse corpo valida o que a sociedade cisheteropatriarcal explora e expõe que esse corpo não possui proprietária. É um espaço público como qualquer outro. Ali não existe um ser humano e assim, de várias outras formas, as violências de raça, classe e gênero também se instauram.

“A solidão de meu corpo” expressa tão fortemente pela vítima, parte do não entendimento completo de sua sexualidade, corpo que jamais foi tocado. Agora tocado, tão violentamente, nos leva a refletir também sobre a solidão da mulher negra tão presente na vida das outras mulheres negras nos contos de Evaristo, tocadas, dessa vez, pela violenta não afetividade. De acordo com a pesquisadora Ana Cláudia Pacheco,

Falar de afetividade, de escolhas, de solidão é colocar em xeque (desmontar) os sistemas de preferências que prescindem a idéia de brasilidade, posto que as mulheres negras aparecem como corpos sexuados e racializados, não afetivos, na construção da Nação. Daí a ocultação da “cor/raça” nos discursos sobre a “solidão” [...] (PACHECO, 2008, p. 16)

As mulheres negras são as mais afetadas pela falta de afetividade, segundo bell hooks (2000): Muitas mulheres negras sentem que, em suas vidas, existe pouco ou nenhum amor. Essa é uma de nossas verdades privadas que, raramente, é discutida em público. Essa realidade é tão dolorosa que as mulheres negras, raramente, falam abertamente sobre isso.

A construção do amor para o povo negro, durante a escravização, foi movida pela quebra de laços afetivos. Ao ser sequestrado e mantido sob cárcere privado, os laços eram facilmente destituídos. A sua família escravizada poderia ser separada mediante uma venda e o seu filho (a), marido ou parentes viveriam longe, o que, normalmente, acontecia e nunca mais se reencontrariam. Não amar um ente querido ou demonstrar menos afetividade tornou-se uma questão de sobrevivência, a partir da brutalidade da colonização e escravização. Tal experiência de desamor e de desafetos dos ancestrais do povo negro estende-se, infelizmente, ainda aos seus descendentes.

Retornando para a história de Isaltina Campo Belo, após o fatídico dia de seu estupro, descobriu que aquele ato terrível, que violentou o seu corpo-lar, fecundou em seu ventre uma semente, isso fez Isaltina voltar para a casa de seus pais e esconder a história de como ela engravidara e quem era o pai, o genitor de sua filha: “Dentre cinco homens, de quem seria a paternidade construída sob o signo da violência?” (EVARISTO, 2011, p. 56).

A maternidade chegou para Isaltina, apesar de ter sido construída sob o signo da violência, de forma que se tornou uma das alegrias para essa mulher transpassada por tantas construções. A relação, que Isaltina construiu com a sua filha Walquíria, se torna para ela um local de segurança e amor.

hooks aponta não o amor romântico branco, mas sim o amor que precisa estar na vida das pessoas negras – o amor do autocuidado – aquele que nos faz preparar refeições saudáveis, cuidar do psicológico e que leve ao autoconhecimento: “O amor precisa estar presente na vida de todas as mulheres negras, em todas as nossas casas. É a falta de amor que tem criado tantas dificuldades em nossas vidas, na garantia da nossa sobrevivência. Quando nos amamos, desejamos viver plenamente” (HOOKS, 2000, p.192), a autora mostra aquele amor que te retorna à ancestralidade, banha nas águas doces e afetuosas, mostra caminhos e possibilidades e não estagna na dor e sofrimento, é um amor que fala não pelo outro (a), mas por si e quando fala por si consequentemente fala pelo outro (coletivo).

Isaltina Campo Belo já conhecera um tipo de amor que crescera em seu ventre a partir da violência que se tornou posteriormente sua filha tão amada, Walquíria, que não trouxe somente esse tipo de amor. Ofereceu, além disso, à sua mãe o amor encontrado em outra mulher. Na primeira reunião de Walquíria, no jardim de infância, Campo Belo conheceu a professora, que se tornaria aquela que primeiro tocou o seu corpo-lar com zelo e afeto.

[...] Não havia um menino em mim, não havia nenhum homem dentro de mim. Eu, até então, encarava o estupro como um castigo merecido, por não me sentir seduzida por homens. Naquele momento, sob o olhar daquela moça, me dei permissão pela primeira vez. Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar a minha semelhante, tanto quanto outras semelhantes minhas desejam o homem. E foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferentes de todas que ali estavam. Busquei novamente o olhar daquela que seria a primeira professora de minha filha e com quem eu aprenderia também a me conhecer, a me aceitar feliz e em paz comigo mesma. (EVARISTO, 2011, p. 57)

Finalmente, Isaltina Campo Belo encontra em outro corpo a afetividade. Aquele corpo, descrito por ela, solitário, passa por seu processo identitário, entendendo a sua sexualidade e gênero, uma mulher que ama outra mulher. O conceito de solidão está entremeadado à rede de significados, na qual a afetividade, a raça, o gênero e a política emergem como categorias significantes (PACHECO, 2008, p. 249). É esse corpo que Isaltina Campo Belo representa no coletivo, uma mulher negra lésbica, que foi atravessada por diversas violências.

Os contos de Evaristo baseados nas histórias de algumas mulheres expõe como aquilo contado por essas mulheres negras é parecido com as vivências de tantas outras que conhecemos, mostrando que a luta contra o racismo, sexismo e patriarcado é coletiva

espelhado em nossas escrituras – o que escrevemos e experienciamos, em suma nossas vidas.

Nos anos de 1960 e 1970 os estudos feministas não apontavam as especificidades das mulheres como um dado de fundamental importância para se construir o movimento, as mulheres brancas heterossexuais eram usadas como exemplo de experiência única feminina, ou o que deveria ser, lutando pela equidade de gênero. Na década de 80, iniciado nos EUA, o feminismo negro toma impulso e coloca em pauta as especificidades das mulheres negras, enquanto as mulheres brancas possuíam pautas específicas as negras não se sentiam reconhecidas, a falta de relações estáveis não era ponto para discussão entre as brancas, mas sim o direito ao aborto, as mulheres negras queriam planejamento familiar, elas sentiam necessidade de discutir questões que tangiam a solidão da mulher negra, a falta de parceiros fixos e afetivos.

Os questionamentos levantados a partir da década de 80 levando a mulher negra para o centro de pesquisas científicas colocou a subjetividade desse corpo negro em pauta, essas mulheres não mantinham relações por que queriam ou por que esse corpo era subjugado atravessado pelo racismo/sexismo e conseqüentemente a solidão? Ao perguntarmos para diversas meninas negras como foi sua adolescência no campo afetivo muitas falarão que não experienciaram a reciprocidade na escola como escutamos de meninas brancas, o frio na barriga sentido pelo (a) outro (a) nunca era correspondido e essas alegrias ficaram para outra época.

É sobre o ato de amar e ser amada que as representações elaboradas a respeito do corpo da negra/mestiça se alojam as hierarquias sociais prescritas em que se estruturam suas escolhas e sua afetividade. É, tentando desafiar as hierarquias sociais, que as teorias do feminismo negro me possibilitam entender como certas realidades e sistemas classificatórios de mundo são modificados e repensados nas várias experiências das mulheres. (PACHECO, 2008, p. 16)

Lemos Pacheco nos diz sobre a possibilidade de entender como as hierarquias sociais dizem muito sobre a afetividade da mulher negra. O feminismo negro como processo emancipatório nos ajuda a decifrar, pensar e analisar como o processo sócio-histórico influenciou diretamente em um campo da vida dessas mulheres que não era discutido, se falar sobre amor parece deveras piegas, pensar nesse amor que em tempos de escravização foi retirado o direito aos escravizados de amar e ser amado e conseqüentemente de seus descendentes a reivindicação ao amor é reparação histórica.

Os contos de Conceição Evaristo levam a nos indagar por qual motivo o amor para essas mulheres foi acompanhado de dor/sofrimento, violência ou não amor. Se quando escolhem por ele e é recíproco esse amor nunca tem um caminho fácil como o de Regina Anastácia, ou é presente por um amor que logo é tirado e novamente a solidão se faz presente.

É preciso criar condições para viver plenamente. E para viver plenamente as mulheres negras não podem mais negar sua necessidade de conhecer o amor (HOOKS, 2000, p. 192), bell hooks quando expõe a necessidade da mulher negra de conhecer o amor não é apenas o sexo-afetivo advindo de outro corpo diferente do seu ou parecido, mas sim o amor interior (autoamor) e de suas relações. Os contos de Evaristo e suas personagens que brincam com a vida nos mostra escancaradamente que o machismo, racismo e sexismo impõem o abandono e o preterimento e consequentemente a solidão, salvo as mulheres que querem estar sós.

O título do livro aqui pesquisado possui uma palavra que rodeia todas as histórias presentes, o que seriam as *insubmissas lágrimas*? Se pesquisarmos rapidamente no google, a palavra insubmissa toma significados sempre no masculino, como insubmissos e não insubmissas, apenas mostrando que a língua também é norteadada pelo senso de supremacia masculina. O insubmisso é aquele: Que não conseguiu submeter; que não se sujeita a; que tende a ser livre; insubordinado ou rebelde (DICIO, 2019), obviamente os criadores desse site colocaram que insubmissa é o feminino de insubmisso e que o sinônimo para insubmissa seria brava, não independente, desobediente ou indisciplinada, apenas brava. As lágrimas dessas mulheres não se submetem, não se sujeitam, são livres – rebeldes, pois delas nada se espera, nem se esperam que escorram e mesmo escorridas elas buscam sonhos, fazem erguer aquelas que as derramam, são insubmissas.

### **Meu corpo igual**

Na escuridão da noite  
meu corpo igual  
fere perigos  
adivinha recados  
assobios e tantãs.

Na escuridão igual  
meu corpo noite  
abre vulcânico  
a pele étnica  
que me reveste.

Na escuridão da noite  
meu corpo igual

bóia, lágrimas, oceânico  
 crivando buscas  
 cravando sonhos  
 aquilombando esperanças  
 na escuridão da noite. (Evaristo, 2017, p.15)

Conceição Evaristo no poema *Meu corpo igual* diz que o corpo bóia lágrimas oceânicas, essas lágrimas apesar de derramadas não são sinônimos de paralisia ou medo, são lágrimas de despertar, de crivar sonhos e aquilombar esperanças. As mulheres que contam suas histórias, e por vezes traumáticas envoltas em violência e desamor resistiram e resistem, derramaram lágrimas que fertilizaram a terra e exalaram brio. A água é presente na fluidez da vida, é fecundidade, transformação, reparação, a água é a limpeza, ela lava e banha o que necessita ser banhado.

As grandes mães na ancestralidade Iorubá estão ligadas à água, ela é a água que fecunda a vida, que está presente no líquido amniótico que envolve o bebê no ventre, é iniciar novos ciclos, é o próprio axé da vida, quando essas mulheres vertem lágrimas estão fecundando a vida e estão se reerguendo e reerguendo muitas de nós, por isso se tornam aqui, insubmissas.

Esta pesquisa se debruçou em um território em que o amor e o desamor se tornam o primeiro plano, o antagonismo aqui parte de um local em que os dois se encontrarão, falar sobre mulheres negras é complexo e multifacetado, estamos falando sobre um coletivo que abrangem práticas, experiências e vivências que apesar de se entrecruzarem na intersecção, são únicas.

Em “Tornar-se Negro” (1983), livro da autora Neusa Santos Sousa, no prefácio escrito pelo médico psiquiatra Jurandir Freire Costa diz: O racismo que, através da estigmatização da cor, amputa a dimensão de prazer do corpo negro, também perverte o pensamento do sujeito, privando-o da possibilidade de pensar o prazer, e do prazer de funcionar em liberdade (pg. 08), ou seja, o racismo (violência) afasta esse indivíduo negro do Eros e seu pensamento se debate em dor e violência, conduzindo ao desamor, esse desamor possui motivos diversos quando pensamos historicamente até a contemporaneidade. Observando os contos do livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*, compreendemos que são diversos fatores que tiram o amor dessas personas, a violência doméstica, racismo, sexismo, sequestro e cárcere privado, estupro, genocídio e tantas outras formas de cerceamento, que podemos chamar de política de desamor.

O povo negro buscou formas emancipatórias desde a escravização, o quilombo, o movimento negro educador como afirma Nilma Lino Gomes (2017), mulherismo africana

e o feminismo negro são caminhos independentes de se pensar o coletivo, todas elas conduzidas para frear opressões e experienciar práticas libertadoras. Por esses motivos por que o amor não seria uma prática de liberdade para o povo negro?

Se as pessoas negras têm avançado em nossa luta por libertação, temos de confrontar o legado desse sofrimento irreconciliado, pois este tem sido um terreno fértil para o desespero nihilista. Devemos voltar coletivamente para uma visão política radical da mudança, enraizada em uma ética do amor e buscar, mais uma vez, transformar coletivos de pessoas, negras e não negras. (HOOKS, 2006, pg. 244)

A escritora bell hooks em *O amor como prática da liberdade* (2006) expõe que é necessário entender o lugar do amor para que nos libertemos das práticas de opressões, criando assim uma cultura de conversão. Em um certo momento da história do povo negro, o amor foi colocado ao lado da fraqueza, eximindo a ética do amor enquanto pilar dos movimentos, a falta de amor manifesta o sexismo e o machismo dentro desses coletivos não desenraizando o auto ódio negro.

Segundo os estudos de Beatriz Nascimento (1985), o quilombo é um conceito em movimento:

Quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, sinônimo de comportamento do negro e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural. Tudo, de atitude à associação, seria quilombo, desde que buscasse maior valorização da herança negra. (NASCIMENTO, 1985, pg. 47)

Pensar o quilombo ou o quilombismo de Abdias Nascimento (2002) é refletir também sobre uma forma de emancipação, hoje usamos a palavra aquilombar de diversas formas, mas entendemos que aquilombar é autocuidado. Nos aquilombamos como forma de resistência, afetividade, acolhimento, para resgatar memórias e nossa identidade, mas não somente, nos aquilombamos para gerar compartilhamentos de saberes, resgatar conhecimentos ancestrais e lutar.

Os contos de Conceição Evaristo expressam a vida, percebemos estratégias de emancipação que partem de experiências de desamor, mas utilizam o amor para a libertação. Quando Shirley Paixão libertou suas enteadas da violência infligida pelo próprio pai e seu marido nenhum arrependimento teve, foi presa por agredir o homem e após sair da prisão conta que:

Das meninas, três já me deram netos, estão felizes. Seni e a mais nova continuam morando comigo. A nossa irmandade, a confraria de mulheres é agora fortalecida por uma geração de netas que desponta. Seni continua buscando formas de suplantar as dores do passado. Creio que, ao longo do

tempo, vem conseguindo. Entretanto, aprofunda, a cada dia, o seu dom de proteger e de cuidar da vida das pessoas. É uma excelente médica. Escolheu o ramo da pediatria (EVARISTO, 2016, p. 34).

Shirley Paixão chama sua relação com suas filhas de irmandade e confraria de mulheres, ou seja, que possuem interesses comuns, que levam ao mesmo modo de vida. Não seria Shirley e suas filhas um aquilombamento de mulheres? A matriarca da família buscou forças em seu amor para proteger aquelas que ama, e não se arrependeu do ato, aquilombou sob o sinônimo da afetividade, apoio e construção.

O amor foi negado historicamente ocultado pela face da escravização e do racismo, o signo da violência, ainda se perpetua na vida de muitas famílias, com a constatação de que muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor (HOOKS, 2000), o amor interno precisa ser cultivado e o auto ódio negro dizimado.

Portanto, pensar práticas libertadoras é fazer reflexão sobre as estratégias utilizadas pela comunidade negra, o aquilombamento e/ou quilombismo, feminismo negro, mulherismo africana e a literatura afro-brasileira e negra, são formas emancipatórias de se refletir acerca das vivências e experiências. O amor negro é capaz de cicatrizar feridas abertas pelas formas de opressões, se cultivado e experienciado.

A literatura de Conceição Evaristo, além de ser completa e cheia de si, espaçando em poemas, contos e romances, sua produção possui elegância poética, sensível e delicada para contar histórias que surgem diversas vezes da violência. Essas literaturas que estão ligadas à memória, identidade e ancestralidade são também denunciativas e combativas. “A literatura é o lugar para expurgar a dor do racismo” (EVARISTO, 2017), e não somente a dor do racismo, mas sim, a dor das opressões que se entrecruzam.

Por meio dessa literatura, na qual se compreendem identidades e culturas negras como elaborações humanas, instituídas de valores, crenças, histórias, experiências, indagações, dentre outros, acredita-se que se constroem oportunidades de expressão de si, da negritude, de referências de africanidades, de vivências, bem como de concepções de mundo. A escrita literária negra torna-se uma textualidade de formação e de fortalecimento de identidades negras (...) (SANTIAGO, 2012, p. 133)

Essas identidades devem ser pensadas por negros pois por muito tempo foi pensada e escrita sobre o negro por autores brancos, perpetuando estereótipos racistas, sexistas e misóginos.

Ao (re)apresentar uma diferença negativa de mulher negra, a literatura reproduz simbolicamente, estereótipos que a subjugam, através de qualitativos carregados de imagens de um passado de escravização, exploração, sensualidade, libido e virilidade exacerbada, negando-lhe aspectos positivos, que promovam uma construção afirmativa de suas identidades. Sendo assim, pela linguagem, pois, é possível se (re)produzirem sentidos que pouco favorece o exercício da alteridade. (SANTIAGO, 2012, p. 99)

O livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* não só reconstrói essas identidades e humaniza essas personagens que fazem mimese com a vida, mas também lhes concede o lugar de fala, mesmo deixando que a narradora, ou melhor, contadora use suas palavras para tal ato.

Todas as histórias contadas no livro e aqui analisadas que possuem como foco a memória, busca pela identidade, violência, sexismo, machismo e racismo, são envoltas com o encontro do amor, seja sexo-afetivo, familiar ou interior. O amor e o feminismo, assim como outras temáticas, propõem repensar o lugar de mulher negra e o motivo de o desamor ainda serem presentes, ligados à solidão.

Os feminismos, mulherismo, quilombismo/aquilombamento, literatura afro-brasileira – negra, voltam ao passado para compreender o presente e mudar o futuro, são construções e reparações de emancipação e liberdade. As vozes-mulheres do livro aqui pesquisado, são ecos da vida-liberdade, são gritos insubmissos do viver e existir. O amor cura. O amor preto cura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir algo é realmente difícil, principalmente se considerarmos o objetivo daquilo que estamos perseguindo, não sendo diferente em um trabalho de conclusão de curso, é o fim de uma estrada e início de tantos caminhos e possibilidades.

Ao início dessa experiência propus pensarmos sobre as relações de amor e desamor na obra da grandiosa escritora Conceição Evaristo, intitulada *Insubmissas lágrimas de mulheres*, os questionamentos que orientaram partiram de um local individual e coletivo, fruto de um processo identitário da pesquisadora.

A história do povo negro é envolta em silenciamentos e apagamentos, resgatar a memória é fundamental e grande parte da escrita de autores e autoras negros (as), inclusive da escritora realizadora da obra pesquisada, resgatam a memória coletiva do povo negro, mas as pesquisas sobre o amor em escritas negras são colocadas em segundo plano, porém entende-se que resgatar a memória é uma ato de amor coletivo, é resgatar cuidados ancestrais e o senso de comunidade tão presentes antes do imperialismo e colonização. Amar é estar ligado ao todo, sem distinção, pois tudo está conectado a força vital da terra.

A *Escrevivência* é uma categoria comprometida com a condição da mulher negra, demarca a contação das histórias dessas mulheres, suas experiências e vivências escritas por elas mesmas e não pelo outro (a) como factualmente acontecia, contada por homens e mulheres brancas. Evaristo escreve contra a supremacia literária masculina e branca, o que vemos ficcionalmente nas linhas que escreve, não são apenas ficcionais e sim, parte da realidade individual e coletiva na perspectiva de reconstruir a identidade de seu povo. Portanto, nesse sentido que a *escrevivência* e a escrita de Conceição se constroem colocam em evidência tópicos importantes para essa construção de identidade, inclusive o amor.

Os apagamentos e silenciamentos citados anteriormente advém de muitas categorias quando refletimos sobre esse processo, o apagamento e silenciamento intelectual/epistêmico, genocida, em relações afetivas e tantas outras formas contribuíram para se pensar as relações também de desamor entre pessoas negras. O opúsculo conta histórias de diversas mulheres e suas *escrevivências* e ao lê-las era como se estivesse ouvindo as histórias de amigas, irmãs, tias, primas e mãe e isso diz muito sobre a escrita afro-brasileira e negra, mais especificamente sobre a escrita de Conceição Evaristo que

torna evidente o conceito que forjou, mas apesar de se iniciarem no âmbito do desamor são as forças do amor que as fazem se reerguer.

Os contos que compõem o livro mostram cenas de violência sofridas por essas personagens que se sabe serem verídicas, as violências aparecem de diversas formas, sob forma de machismo, sexismo, misoginia e racismo que caminharam para a seara do desafeto.

Esta pesquisa se propôs a questionar as relações afetivas de personagens que possuem narrativas de muitas de nós, a partir de um local que tenha como base a Eros e como a partir desse ponto de amor pode e deve ser espaço de resistência e enfrentamento de opressões.

Se o amor é um tema caro para o povo afro-diaspórico, bell hooks trouxe à tona a real importância de se refletir sobre o amor nas relações e feitos, pensando o amor interior. Se o feminismo era centralizado nos anseios das mulheres brancas, Angela Davis, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e tantas outras, anônimas ou não, reivindicaram suas pautas. Se desacreditavam da existência do racismo e violência de gênero, Beatriz Nascimento rompeu o mito e se fez ouvir. Se a literatura hegemônica branca patriarcal calou por muito tempo vozes da “margem” ou falava por elas, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis e tantas outras e outros elevaram suas vozes e reconstruíram identidades.

Portanto, se faz necessário refletir porque essas relações de desamor, amor e solidão por falta de afetividade em textos literários são importantes para entender a realidade e como introduzir esses textos na educação básica eleva a auto estima, amor interno e conseqüentemente o amor próprio de crianças e adolescentes negros. O eu lírico fala sobre si e sobre o (a) outro (a), essas personas experienciam o mundo de forma única, porém com especificidades que advém de um coletivo que possui historicamente águas que vem de um lado do mundo.

A literatura nos ajuda a experienciar o mundo a partir de olhos que não sejam os nossos, as histórias que se constroem nas páginas dos livros nos inspiram e animam. O ensino de Literatura na educação básica é pautado no cânone branco patriarcal, inserir outros segmentos de literatura é corroborar com a ideia de que há outras formas de viver e existir. Este trabalho, ao mostrar a Literatura de Conceição Evaristo e as histórias contadas que ali moram salienta a importância de pesquisarmos grandes escritoras e escritores que escrevem cada linha como revide e afirmação.

Pretende-se com esta pesquisa, para além de tudo que foi dito, repensar vidas e ressignificar histórias. Portanto, essa pesquisa não se finda nessa monografia, sabemos que pesquisar e escrever são atos políticos que se renovam. Pensar as formas de libertação de um povo com base no amor é refletir estratégias de sobrevivência e vivências, tendo a literatura como foco de enfrentamento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALVES, Alê. **Angela Davis**: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”. El país. Salvador, 27 jul, 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503\\_610956.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html). Acesso em: 16 de janeiro de 2019.
- ALVES, Alessandra. “**A literatura é o lugar de expurgar a dor do racismo**”, afirma Conceição Evaristo. Brasil de Fato. Salvador, 12 de agosto, 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/08/12/a-literatura-e-o-lugar-para-expurgar-a-dor-do-racismo-afirma-conceicao-evaristo>. Acesso em: 12 de abril de 2021.
- BONNICI, Thomas. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Paraná: Eduem, 2005.
- CAYMMI, Dorival. Oração de mãe menininha. 1972.
- COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within\***: a significação sociológica do pensamento feminista negro. In: Revista Sociedade e Estado – vol. 31. n. 1. P. 99 – 127. 2016.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DUARTE, E. A.; FIALHO, E. L. **Conceição Evaristo: Literatura e identidade**. Minas Gerais, 28 de jan, 2020. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/199-conceicao-evaristo-literatura-e-identidade-critica>. Acesso em 12 de abril de 2021.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. In: Estudos feministas – vol. 10. n. 1. 2002.
- EVARISTO, Conceição. **O meu texto é um lugar onde as mulheres se sentem em casa** [Entrevista concedida a] mulheres que escrevem. Mulheres que escrevem, 29 nov. 2017. Disponível em: <https://medium.com/mulheres-que-escrevem/mulheres-que-escrevem-entrevista-conceicao-evaristo-fa243ff84284>. Acesso em 16 de janeiro de 2019.
- EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo: “É preciso romper com a história oficial** [Entrevista concedida a] Victória Damasceno. Nova Escola. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12895/conceicao-evaristo-e-preciso-romper-com-a-historia-oficial>. Acesso em 15 de julho de 2020.
- EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo: A literatura está nas mãos de homens brancos** [Entrevista concedida a] Nahima Maciel. Correio braziliense, 15 jul. 2018. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/07/15/interna\\_diversao\\_arte,694873/entrevista-conceicao-evaristo.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/07/15/interna_diversao_arte,694873/entrevista-conceicao-evaristo.shtml). Acesso em 16 de janeiro de 2019.
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011. v. 7.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.
- EVARISTO, Conceição. **História de leves enganos e parencças**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

EVARISTO, Conceição. **Canção para ninar menino grande**. São Paulo: Unipalmarens, 2018.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Lorena Ribeiro. **Engravidei, pari cavalos e aprendi a voar sem asas**: Reflexões acerca da afetividade e solidão da mulher negra. In: Revista Darandina – VOL 11. N 2. 2018.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: Saberes construídos nas lutas por emancipação. Rio de Janeiro: Vozes, 2017

HOOKS, bell. **Love as the practice of freedom**. In: Outlaw Culture. Resisting Representations. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 243–250.

HOOKS, bell. **Vivendo de amor**. In: Werneck, J. O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas: Criola, 2000, P.197.

INSUBMISSA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. 7GRAUS. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/insubmissa/>. Acesso em: 21 de março de 2021

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. **O conceito de quilombo e a resistência cultural negra**. In Afrodiáspora – ano. 3. n. 6 e 7. 1985.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Branca para casar, mulata para f..., Negra para trabalhar**: Escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. 2008. 324 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2008.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher Negra**: Afetividade e solidão. Salvador: EDUFBA, 2013.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas/Bahia: Editora UFRB, 2012.

SOJOURNER, Truth. **E não sou uma mulher?** – Sojourner Truth. Tradução de Osmundo Pinho, Geledés, 8 jan. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. **A solidão da mulher negra** – sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. 2008. 185 f. Dissertação

(Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2008.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: As Vicissitudes da Identidade do Negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

VIANA, Matheus da Rocha. **Decolonizando afetos: a presença do colonialismo na construção de afetos da população negra e a decolonialidade do ser**. In: Revista textos graduados – VOL. 05. N 01. P 69 – 84, 2019.

WHAT happened, Miss Simone?. Liz Garbus. Estados Unidos da América: Netflix, Radical Media, 2015. (102 min).

WERNECK, Jurema. **O livro da saúde das mulheres negras**: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas: Criola, 2000.